

**DANIEL SOUZA BRAGA**

**CATADORES DE CARANGUEJO DO DELTA: *história e memória (1960-2010)***

Monografia apresentada à Universidade Estadual do Piauí, Campus Prof. Alexandre Alves de Oliveira, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Mestre Edson Holanda

PARNAÍBA/ PI  
2013

DANIEL SOUZA BRAGA

**CATADORES DE CARANGUEJO DO DELTA: *história e memória (1960-2010)***

Monografia apresentada à Universidade Estadual do Piauí, Campus Prof. Alexandre Alves de Oliveira, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Mestre Edson Holanda

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

---

Orientador

---

Examinador 1

---

Examinador 2

PARNAÍBA  
2013

*A meu filho Antonio Augusto; pelo colorido alegre e irreverente que me proporcionou, a qual pincelo a obra da existência.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente ao papei do céu pela a dadiva da existência...

Aos meus pais pela vida...

A minha companheira Juliana Machado pela contribuição na revisão ortográfica e dicas...

Agradeço meu avó por achar-me mais inteligente e talentoso do que realmente sou...

Agradeço também a Uespi, por ter sido mais uma vez minha segunda casa...

A professora Francinalda por abrir caminho me mostrando fontes...

Ao(s) meu(s) orientador (es) pela crença no trabalho, além claro, da paciência, do apoio ...

A todos meus colegas e mestres que de forma direta e indireta instigaram meu intelecto...

Aos catadores de caranguejo do Delta do Parnaíba pela simplicidade e empenho...e, por ser uma inspiração...

*Nossa memória é feita de lembranças individuais e coletivas- disse  
Tengo. – Elas estão intrinsecamente entrelaçadas. A história é a  
memória coletiva e, quando ela é usurpada ou reescrita, perdemos a  
capacidade de preservar nossa legítima personalidade.*

***Haruki Murakami***

## **RESUMO**

Nessa proposta de pesquisa objetivamos investigar as lutas cotidianas dos catadores de caranguejo de Ilha Grande, dialogar com as memórias socialmente compartilhadas desse grupo de trabalhadores estudando como viveram e vivem, como se deu o processo de transmissão educacional do ofício da cata artesanal do caranguejo, qual a visão identitária que esses grupos têm sobre eles mesmos no que se restringe a pescadores artesanais. Perceber os discursos e as percepções da sociedade sobre esse trabalho. Procuramos também entender as contradições sociais e econômicas desse trabalho percebendo a situações materiais desses homens a organização política e a consciência de classe, assim como os sistemas educativos informais que levaram anos para serem consolidados e que está ligada a vida e a memória coletiva desses catadores.

**Palavras - chave:** memória, catadores, trabalho.

## **ABSTRACT**

In our research proposal aimed to investigate the daily struggles of crab pickers Ilha Grande, engage with socially shared memories of this group of workers living and studying how they lived, how was the process of transmission of the office of educational cata handmade crab, which the vision of identity that these groups have about themselves when it restricts fishermen. Understand the discourses and perceptions of society about this work. We also seek to understand the social and economic contradictions that work realizing the material situations these men to political organization and class consciousness, as well as informal education systems that took years to be consolidated and connected life and collective memory of these scavengers.

**Key words:** memory, pickers, work.

## **LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**CODEVASFI**- Companhia e Desenvolvimento dos Vales do Parnaíba e São Francisco.

**SEBRAE**- Serviço de Apoio as Micro e Pequenas Empresas

**ACCDUIG**- Associação de Catadores de Caranguejo Delta-Uçá de Ilha Grande.

**EMBRAPA**- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

**SEAP-PR**- Secretaria de Aquicultura e Pecuária da Presidência da República.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1. O DURO TRABALHO NO MANGUE DO DELTA DO PARNAÍBA.....</b>	<b>16</b>
<b>2. HISTORIA DE VIDA E FORMAÇÃO DO BAIRRO LOQUINHAS.....</b>	<b>28</b>
<b>3. RESISTÊNCIA: ORGANIZAÇÃO POLITICA, ATUAIS LUTAS.....</b>	<b>36</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>46</b>

## INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo dos catadores de caranguejo do *Delta do Parnaíba* surge devido ao um vínculo afetivo com esse lugar e essa gente. Cresci e me crie por entre os rios e igarapés da região, nas roças dos meus avós e, senti desde cedo os dramas dessa gente que extrai da natureza sua fonte de sustento; que tem que explorar epicamente as águas do *Rio dos Tatus*; que precisa se aventurar no interior do mangue e colocar a mão na lama. O grande Josué de Castro no seu livro *Homens e Caranguejo* revela o drama dos homens dos bairros pobres de Recife que trabalham nos mangues do Capibaribe. Assim diz Josué:

Esta é que foi minha Sorbonne: a lama dos mangues do Recife, fervilhando de caranguejos e povoada de seres humanos feitos de carne de caranguejo, pensando e sentindo como caranguejos. Seres anfíbio-habitantes da terra e da água, meio homens e meio bichos. Alimentados na infância com caldo de caranguejo: esse leite da lama. (Castro, 2010, p.10)

Assim como Josué, vejo que a minha “*Sorbonne*” foi nas redondezas desses ambientes de água e lama, onde o povo simples e trabalhador tem que enfrentar dificuldades e desafios que a natureza impõe para garantir o sustento de sua família, obrigando-os, pela circunstância social e material a viver como caranguejos. Os homens que tem que se jogar na lama, se rastejar como um crustáceo, se emaranhando pelas raízes do *mangue*, procurando se enfiar em um loca, na imensidão de um lamaçal infundável, meio homem e meio bicho.

Meu olhar quis se voltar a esse grupo de trabalhadores, devido a uma inquietação intelectual em descobrir e entender: **Como vivem? Como se relacionam? E como transmitem seu ofício as novas gerações? Quero entender também qual a visão que a sociedade tem destes profissionais. E que visão eles tem de si mesmos.** A pesquisa tem como objetivo **dar sentido aos seus relatos e lembranças, entendendo o que o tempo fez com esses homens e o que ficou dessa passagem do tempo; os acontecimentos vividos, as experiências, os valores transmitidos, os afetos, os costumes e tradições.** Mediante a narrativa de uma história de vida procuraremos estabelecer relações com outros membros do grupo, de profissão, de sua camada social. Muitos catadores de caranguejo têm que sair de casa de manhã, para enfrentar o duro trabalho do mangue. Pra isso precisam de uma estratégia, de um plano. Para onde vão? Quais instrumentos levar? Essas estratégias são sistemas educativos informais que levaram anos para se consolidarem e estão de forma direta

ou indireta ligada a vida e a memória dos catadores de caranguejo. Esses trabalhadores na sua interação com um meio ambiente hostil acabaram criando práticas, técnicas e significados que são comuns a todos esses catadores de caranguejo e são transmitidos oralmente de geração a geração. São essas técnicas socioeducativas de seus trabalhos de catadores de caranguejo que vamos tentar dar sentido histórico. Assim fala Portelli:

Fontes orais de classes não hegemônicas são ligadas a tradição da narrativa popular. Nesta tradição as distinções entre gêneros de narrativa são percebidas diferentemente da tradição escrita das classes educadas. Isto é verdade na distinção genérica entre narrativas factuais e artísticas, entre eventos e sentimento ou imaginação. Enquanto a percepção de um registro como verdade é relevante tanto para a lenda como para experiência pessoal e para a memória histórica, não há gêneros de história oral especificamente destinados a transmitirem informações históricas; as narrativas históricas, poéticas e míticas sempre se tornam inextricavelmente misturadas. O resultado são narrativas nas quais a fronteira entre o que toma o lugar fora do narrador e o que acontece dentro, entre o que diz respeito ao individual e o que diz respeito ao grupo, pode se tornar mais enganosa que os gêneros escritos estabelecidos, de modo que a “verdade” pessoal possa coincidir com a “imaginação” compartilhada. (Portelli, 1997, p. 30)

O diálogo com a “imaginação compartilhada” nos proporcionara uma tentativa de busca por uma identidade dos trabalhadores do mangue no *Delta do Parnaíba*, e ao mesmo tempo vem em contrapartida a um sistema de comercialização capitalista que é atualmente imposto dentro dos mangues. Catadores sem muita intimidade com as letras, não são homens de grandes leituras, mas com uma presença cheia de poesia e com grande habilidade para coletar e catar crustáceo. Esses homens velhos, com o corpo desgastado pelo sol, pelo olhar fadigado, de gestos gastos pelo trabalho exaustivo, são desprezados por uma sociedade descartável mais voltada ao esquecimento e a imposição do silêncio e exclusão dos velhos, (os guardiões da memória). Coloco-me na condição de escriba, ou melhor, de mercador de memórias, pois o que resta a esses homens é oralidade; as cantigas; os ditos populares; as tradições; as músicas e, incrivelmente o mangue é um espaço de memória, mesmo sendo um lugar natural destinado aos bichos são repletos de sociabilidades. Assim nos fala Thompson:

As práticas e as normas se reproduzem ao longo das gerações na atmosfera lentamente diversificada dos costumes. As tradições se perpetuavam em grande parte mediante a transmissão oral, com seu repertório de anedotas e narrativas exemplares. Sempre que a tradição oral é suplementada pela alfabetização crescente, os produtos impressos de maior circulação – brochuras com baladas populares, almanaques, panfletos, coletâneas de últimas palavras e relatos anedóticos de

crimes- tendem a se sujeitar a expectativa da cultura oral, em vez de desafia-las com novas opções. (Thompson, 2005, p. 18)

A nossa filiação teórica se concentrou na historia social. Os óculos, que irão permitir visualizar o objeto de estudo, terão os graus da escola inglesa do marxismo, que fez uma renovação dos estudos culturais, trazida agora como uma forma de repensar o materialismo histórico, particularmente flexibilizar o já desgastado esquema de uma sociedade limitada pela infraestrutura e superestrutura. O mundo da cultura passa a ser examinado como parte integrante do modo de produção, e não como um reflexo da infraestrutura econômica. Será oportuno citar Edward Thompson:

Uma divisão teórica com esta, de uma base econômica e uma superestrutura cultural, pode ser feita na cabeça e bem pode assentar-se no papel durante alguns momentos. Mas não passa de uma ideia na cabeça. Quando procedemos ao exame de uma sociedade real, seja qual for, rapidamente descobrimos (ou pelo menos deveríamos descobrir) a inutilidade de se esboçar a respeito de uma divisão assim. (Thompson, 2001, p. 254-255)

É assim que Thompson e os demais historiadores ligados a *Escola Inglesa marxista*, analisam a classe social; não mais como uma estrutura estática, e sim como uma noção de identidade, algo que é uma construção, ou melhor, que está envolvido por um processo permanente de construções, em um inesgotável fazer-se.

Somente com o resgate da memória é que podemos reconstruir a identidade que é o símbolos e signo de unificação dos grupos sociais, e podem ajudar a libertar esses homens da escravidão do sistema. Através da história de vida de cada membro do grupo é possível captar tanto sua vida pessoal, como os da sociedade mais ampla, dentro claro, de um limite temporal, assim como de seu grupo de trabalhadores do qual pertence. A historia oral desempenha um papel importante no resgate dessas memórias. Como diz Ecléa Bossi (1994 p.66): “nossa sociedade despreza a oralidade em detrimento da escrita e das novas tecnologias, assim como os detentores da memória, os velhos, são silenciados pelo sistema que o despreza”.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Ecléa Bose. Memória e sociedade: lembranças dos velhos: companhia das letras, 1994.

*História e memória*, dois lados da mesma moeda mais com aspectos diferentes. A história que quer dizer experiência coletiva dos homens, e, elaboração intelectual sobre elas; a memória significa o registro e armazenamento, mas também a evocação do que foi registrado e armazenado pelos homens durante o decorrer de sua existência. Le Goff diz com muita propriedade o que é a memória:

Mnemonize, revelando ao poeta os segredos do passado, o introduz nos mistérios do Além. A memória aparece então como um dom para iniciados, e anamneses, a reminiscência, como uma técnica ascética e mística. Também a memória joga um papel de primeiro plano nas doutrinas órficas e pitagóricas. Ela é o antidoto do esquecimento. No inferno órfico, o morto deve evitar a fonte do esquecimento, não deve beber nos Letes, ao contrário, nutrir-se da fonte da Memória, que é uma fonte de imortalidade. ( Le Goff, 2003, p. 434)

Como fala Le Goff “à memória é um elemento essencial do que se costuma se chamar de identidade individual e coletiva”<sup>2</sup> e, a única fonte de imortalidade; então somente com o resgate da memória é que podemos reconstituir a identidade, os signos e símbolos de unidade e unificação dos grupos sociais, povo destituídos de lembrança, correm o risco de não saberem quem são e decretarem sua “morte social” e, o esquecimento de suas experiências para as novas gerações.

E a sua luta pela sobrevivência, e a simbiose do homem com o meio ambiente é vivenciada todos os dias, bem cedo. Dezenas desses catadores banham-se em gasolina e carregando um punhado de brasa, que produz fumaça para espantar a grande quantidade de insetos existentes, lá permanecem o dia todo mergulhadas e camufladas em meio às altas raízes e lama dos manguezais. No final do dia retornam com dezenas de cordas do crustáceo. Olha o que nos diz Lefebvre:

Os relacionamentos fundamentais para toda sociedade são seus relacionamentos com a natureza. Para homem, sua relação com a natureza é fundamental, não porque ele permaneça sendo um ser da natureza (interpretação falaciosa do materialismo histórico), mas, ao contrário, porque ele luta contra ela. (Lefebvre, 2009:65)

---

<sup>2</sup> Le Goff, Jacques. *História e memória*; tradução Bernardo Leitão - Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 1990. Pag. 345, 346.

A história oral nos oferece elementos para entender como as pessoas se recordam e constroem suas memórias. Trata-se de um método que cria seus próprios documentos, e que soa, por definição, diálogos explícitos sobre a memória, em que os entrevistados triangulam entre as experiências passadas e o contexto cultural e profissional presente. Por isso cresce a popularidade da história oral na busca de uma reconstituição dos fatos da história do presente e ao mesmo tempo de criação de novas fontes onde valorize a oralidade e reconstituição da identidade cultural dos grupos. Paul Thompson, em seu livro *A Voz do Passado* nos fala sobre a história oral:

O traço mais surpreendente de todos, porém, talvez seja o impacto transformador da história oral sobre a história da família. Sem a evidência oral, o historiador pode, de fato, descobrir muito pouca coisa, quer sobre os contatos comuns da família com os vizinhos e parentes, quer sobre suas relações internas. Os papéis de marido e mulher, a educação de meninas e meninos, os conflitos e dependência emocionais e materiais, a luta dos jovens pela independência, o namoro, o comportamento sexual dentro e fora do casamento, a contracepção e o aborto - todas eram efetivamente áreas secretas. (Paul Thompson, 1992: 27 e 28).

Como afirma Thompson “transmissão oral era o veículo de repetição e difusão da cultura popular”<sup>3</sup>. Diante disso percebemos o quanto a história oral é importante na apreensão da memória coletiva, dos costumes e da cultura dos trabalhadores que, só lhes restam à oralidade e a lembrança.

Este trabalho será metodologicamente efetivado a partir de entrevistas orais com os catadores de caranguejo, com o intuito de procurar reconstituir as memórias socialmente compartilhadas desses trabalhadores. Portelli tem muito a dizer sobre o trabalho de entrevistas:

Mas o único e precioso elemento que as fontes orais tem sobre o historiador, e que nenhuma outra fonte possui em medida igual, é a subjetividade do expositor. Se aproximação para busca é suficientemente ampla e articulada, uma seção contrária da subjetividade de um grupo ou classe pode emergir. Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. Fontes orais podem não adicionar muito ao que sabemos, por exemplo, o custo material de uma greve para os trabalhadores envolvidos; mas contam-nos bastante sobre seus custos psicológicos. (Portelle, 2007, p. 31)

---

<sup>3</sup> Paul Thompson. *A voz do Passado: Historia Oral*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

As memórias estão cheias de vazios, de lacunas de interrompimentos, e invadidas pelo esquecimento. As omissões e as mentiras são também verdades psicológicas, e dizem muito sobre os homens pesquisados. Os historiadores buscam elaborar uma nova documentação que permite conhecer fatos recentes ou complementares. Os fatos existentes não se preocupam com a objetividade e sim com a subjetividade do expositor e do seu grupo. Para Portelli, “as fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e, o que pensa em fazer”<sup>4</sup>.

O historiador produz documentos utilizando o método da história oral, mas precisa ter sensibilidade e trato humano, pois o resultado do trabalho vai estar ligado entre o relacionamento do entrevistado e o entrevistador.

---

<sup>4</sup> Projeto História. *Revista do Programa de Estudos Históricos e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo, SP – Brasil, 1981. Pág. 31.

## CAPITULO 1

### O DURO TRABALHO NO MANGUE DO DELTA DO PÁRNAIBA

“A História pode ser encarada de dois lados e dividida em História da Natureza ou História dos Homens. Mas os dois lados não podem ser separados do tempo; enquanto houver homens, a História da Natureza e a História dos Homens se condicionarão reciprocamente.”

Marx

*Nicolau de Resende*<sup>5</sup> depois de sobreviver a um naufrágio em 1951, e levado pelas forças das águas ao solo piauiense, permaneceu por muitos anos em contato com os índios desse lugar. Nicolau de Rezende perde sua embarcação cheia de toneladas de ouro. Perdeu o ouro, mas descobriu um dos mais exuberantes tesouros naturais: *O Delta do Parnaíba*<sup>6</sup>. Essa região é uma *formação geomorfológica* única nas Américas com planícies extensas, é cortada por diversos braços e canais de igarapés, chegando a formar inúmeras ilhas de variadas dimensões com uma fauna e flora extensa. O *Delta* fica dividido entre dois estados, o Maranhão com 65% e o Piauí com 35%. Esse paraíso terrestre é composto por um grande número de espécie de animais, destacando os jacarés, guaras, camaleões, capivaras etc. Uma flora riquíssima formada por grandiosos e frondosos manguezais, circundada por magníficas *Dunas*, além de lagos de águas cristalinas e um encontro antológico entre Rio do Parnaíba e Oceano Atlântico. Isso tudo faz do Delta uma região muito visitada por turistas e ao mesmo tempo protegida, sendo inclusive uma *Área de Proteção Ambiental*.<sup>7</sup>

Dentro do Delta existem os manguezais. Um bioma importantíssimo para o equilíbrio ecológico da vida marinha nas regiões costeiras. O terreno lodoso, ou melhor, a lama, é formada por sedimentos de origem marinha, restos de folhas, galhos, animais em decomposição. Isso torna o ambiente rico em matéria orgânica, o que acaba atraindo espécies de micro-organismos e animais que usam aquela região para se alimentar e como refugio.

<sup>5</sup> MAVIGNIER, Diderot dos Santos. *No piauihy, na terra dos Tremembés*.

<sup>6</sup> Está situado entre os estados brasileiros do Maranhão e do Piauí. O Rio Parnaíba é um dos únicos rios do mundo com foz em delta em mar aberto. Formado pelo Rio Parnaíba, que tem 1.485 km de extensão, o **Delta do Parnaíba** abre-se em cinco braços, envolvendo 73 ilhas fluviais. Sua paisagem exuberante, cheia de dunas, mangues e ilhas fluviais, garante o cenário paradisíaco dessa região do Maranhão e Piauí.

<sup>7</sup> Criada em agosto de 1996 com a intenção não só de proteger os recursos hídricos e a mata aluvial, mas também incentivar o turismo ecológico e conscientizar a população da área. A APA do Delta do Parnaíba se estende desde os municípios de Parnaíba, Luiz Correia, Ilha Grande de Santa Isabel e Cajueiro da Praia no Piauí; Paulino Neves, Tutóia, Araisés e Água Doce no Maranhão; Chaval e Barroquinha no Ceará.



Cerca de 70% das espécies de *moluscos* e *crustáceos* pescados comercialmente no litoral brasileiro tem relação direta com os manguezais. Nesse terreno surge um personagem que vai ser o protagonista de nosso trabalho junto com os seus algozes, estamos falando do caranguejo. Esse animalzinho esquisito de olhos para fora que se rasteja na lama com suas inúmeras patas, e, constrói suas moradas dentro das raízes dos grandes mangues é um dos recursos abundantes nessa região do *Delta*, sendo sua captura uma das práticas mais produtivas e mais desenvolvidas pela população tradicional da região.

A delimitação geográfica é o *Delta*, mais precisamente a Ilha Grande do Piauí, uma pacata cidade emancipada em 2007, que fica a 12 km de Parnaíba e tem em média 10 mil habitantes. Essa cidade teve a dádiva de ser uma das entradas para o Delta do Parnaíba através do Porto dos Tatus que também é o local de escoamento de grande parte dos pescados, *crustáceos* e *moluscos* da região. Bom, aqui fazemos a nossa segunda delimitação, agora antropológica. Dentre esses habitantes a grande maioria do povo vive do trabalho da pesca, do marisco, da roça e da cata do caranguejo. Esses homens simples, exploradores dos *igarapés* e dos *mangues* dessa região são os protagonistas desse estudo.

Segundo dados da associação dos Catadores de Caranguejo de Ilha Grande-ACCDUIG, na voz do presidente o senhor Julinho, “dentro da cidade existe mais ou menos quatrocentos caranguejeiros, destes apenas quarenta são associados à instituição”. Um número muito reduzido, visto que muitos catadores acabam se identificando com outros ofícios e procuram outra instituição de amparo aos pescadores. A cata do caranguejo é para nossa região uma das principais atividades econômicas.

O meu trabalho não é um ensaio biológico sobre o *mangue*, e sim um trabalho de *história* e, principalmente de *memória*, onde vou tentar desvendar ou dar sentido as lembranças dos catadores de caranguejos. Vou trabalhar com a prática etnográfica dos memorialistas locais, desvendando às tradições, os costumes, as histórias e o que sobrou de anos de labuta dentro do mangue. Como Thompson<sup>8</sup>, procuro estudar as relações sociais e de trabalho: Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de

---

<sup>8</sup> Thompson. *Costumes em Comum*; tradução de Paulo Fontes – São Paulo; Companhia das Letras, 1998.

geração para geração e o desenvolvimento do costume sob formas historicamente específicas das relações sociais e de trabalho.

O objeto de pesquisa desse trabalho são homens desprivilegiados pela historiografia escrita, mas revestidos de histórias, visto que seus corpos são documentos vivos, visto que a natureza escreveu por cima daqueles corpos cheio de cicatrizes, arranhões, ombros tortos e caídos. Todos obedecendo, como diz Certeau “às regras, rituais de interação, representações cotidianas”<sup>9</sup>. Homens entre 50 e 70 anos de idade (Senhor Julinho, presidente da colônia com 56, João Paulo com 68, Abrão Santos com 70, Quajirú hoje beirando aos 60 anos, Jose Antônio 69, Manuel da Rocha 63, e Maria de Fatima 55 anos de idade) todos se autodenominam catadores de caranguejo, enquadrados na categoria de *pescadores artesanais*<sup>10</sup>, que são os profissionais que usam de mão de obra familiar, embarcações de pequeno porte e, instrumentos artesanais de pouco impacto ambiental.

São poucos os documentos que falam de catadores de caranguejos e, para completar a grande maioria desses sofre na pele o problema do analfabetismo crônico. Diante disso, essa população pescadora e coletora de caranguejo, lança mão de um recurso poético para transmitir suas experiências e saberes; estamos falando da oralidade. . Em uma cantiga, agraciada pela inspiração musical do catador Abrão, que também é dançarino de bumba meu boi, ele canta a saga de catadores que tentam, incansavelmente, pegar o caranguejo-uçá. O crustáceo é esperto, se esconde dentro da lama, tenta lhe afugentar com suas patas, mas o catador é mais valente e não desiste, pois a fome clama e seu lugar não é a lama e sim dentro da panela.

Caranguejo- Uçá!  
 Caranguejo- uçá!  
 Não se esconde muito fundo  
 Vou correr vou te pegar  
 Não rasteja  
 Não se vira  
 Por ti minha vida gira  
 Na panela eu vou botar  
 Caranguejo- uçá!  
 Caranguejo- uçá!  
 Sou um cabra de coragem

<sup>9</sup> Michel de Certeau. Proj. História, 25 de dezembro de 2012. Pág, 407.

<sup>10</sup> Quando é praticada diretamente por pescador profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios, podendo utilizar embarcações de pequeno porte.

Meto a mão pelas barragem  
Mais eu sei vou te pegar!<sup>11</sup>

Essa música é conhecida e cantada dentro da comunidade de catadores da *Ilha Grande*, confirmando o que observa o Thompson no seu livro à formação da Classe operaria inglesa; “onde muitos pobres trabalhadores eram negados o acesso à educação, e ao que mais eles podiam recorrer?! Restavam-no unicamente a transmissão oral, como único veículo para carga de costumes”<sup>12</sup>.

Esses profissionais retratados terão o espaço aberto nesse trabalho para falarem de suas lutas, os dramas, as alegrias, as lembranças. Homens que tem que acordar cedo, acender suas lamparinas e se locomover com suas embarcações pelo *Rio dos Tatus*, percorrendo por igarapés para assim adentrar no seu mundo de *mangue*. Emaranhado-se por raízes tortuosas que dificultam a locomoção, conjugado a uma lama pesada que faz o corpo atolar, sendo o ato de se arrastar uma das práticas mais frequentes e comum nesse tipo de trabalho. Só assim depois dessa luta homem versus natureza, voltam com suas cordas de *crustáceos* depois de uma longa odisseia que se repete toda semana incansavelmente. Essas memórias coletivas os esquecimentos e silêncios serão a matéria prima desse trabalho. Assim diz Le Goff no seu livro *História e Memória* que:

Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da historia são reveladores destes mecanismos de manipulação da memoria coletiva (Le Goff, 2003, p.422).

Esses trabalhadores iniciaram suas atividades profissionais no mangue na década de 60. Todos começaram a trabalhar muito cedo, entre 9 a 10 anos de idade. Infâncias forjadas no *mangue*, amadurecidas com carne e sopa de caranguejo. A região do Piauí, uma das mais pobres do Brasil, reserva um destino sem muitas perspectivas para as crianças pobres. Esses homens entrevistados não tiveram muitas opções de estudos e trabalhos, ao mesmo tempo

<sup>11</sup> Cantiga que faz parte da tradição oral dos catadores de caranguejo do Delta do Parnaíba.

<sup>12</sup> THOMPSON, Edward. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

tinham uma região agraciada de peixes e frutos do mar. Sendo os pais catadores de caranguejo, estavam de forma direta e indireta, envolvidos ao ciclo da profissão. Sobre o assunto assim nos fala o Senhor Julinho:

Meu avô era caranguejeiro, meu pai era caranguejeiro, vi desde criança meus pais pescando, fui ficando maiorzinho, e tinha que ajudar em casa. E você sabe “filho de gato gatinho é” acabei também virando caranguejeiro também. Naquele tempo não dava para escolher ser muita coisa. Só o mangue.<sup>13</sup>

Antônio José também fala que aprendeu com os pais: “Essa profissão vem de meu pai. Ele trabalhava nessa profissão... aí, era única que ele tinha e foi essa que me ensinou, e eu tive que acompanhar até aqui”<sup>14</sup>.

O senhor Guajiru:

Eu entrei nesse trabalho porque meu pai já trabalhava nesse serviço. Meu pai trabalhava de roça. Meu pai ia para esse trabalho eu observava. Naquele tempo eu me lembro de que o caranguejo estava brincando, eu tinha 12 anos e peguei pela primeira vez 15 cordas de caranguejos<sup>15</sup>.

O que podemos notar é que arte da cata do caranguejo também é aprendida pela observação e também fruto das características indígenas introduzidas na nossa sociedade.

O trabalho em meados dos anos 70 ainda era bem rústico e com grande característica indígena. Como a região do *Delta* foi toda habitada por índios *Tremembés* a cata do caranguejo e pesca era uma das práticas muito comuns, os índios só usavam seu corpo nu para explorar toda vegetação de restinga e para pescar na região do Delta, essa tradição acabou sendo preservada. Assim dizia Diderot Mavignier:

A pesca e a caça eram seus maiores recursos e seus maiores prazeres principalmente o primeiro, para o qual usavam espinhos tortos que lhe serviam de anzóis. Alimentavam-se de ostras, caranguejos e pequenos animais abundantes na região. Em 1632, o francês Claude d’Abbeville em história da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas, relata que visitou várias

<sup>13</sup> Depoimento cedido pelo Sr. Julinho Batista ao autor em 14 de Abril de 2012.

<sup>14</sup> Depoimento cedido pelo Sr. Antônio José ao autor em 22 de julho de 2012.

<sup>15</sup> Depoimento cedido pelo Sr. Quajiru ao autor em 23 de julho de 2012.

aldeias indígenas, dentre as quais Eussaouap – nom de lieu, c'est à dire le lieu où on les Crabes – nome de lugar onde se come caranguejos(Diderot, 2005. p. 12)

Os catadores de caranguejo exploravam o mangue pelados, às vezes apenas com um calção para esconder as partes íntimas. O trabalho era desgastante e pesado, pois não usavam nenhum tipo de apetrecho técnico, mas somente o corpo e os braços para extraírem o tão desejado caranguejo. Acordavam cedo, faziam longas viagens de canoas, embarcações pesadas, remando contra a maré. Entravam no mangue cedinho, pisando na lama fria. Levavam apenas farinha no saco, e uma lamparina para espantar os mosquitos. Enfiavam-se na lama. Veja o que fala o Senhor Abrão:

Nós entrávamos no mangue com um calçãozinho apenas. Muitos entravam nus. Saíamos 5 horas da manhã e voltávamos 5 horas da tarde. Tinham que pegar a maré cheia, e muitas vezes para voltar a gente esperava horas e horas a maré encher. O mangue de manha era frio. Agente caia no mangue. Enfiava a mão na loca, pois o nosso único instrumento de trabalho era nossos braços. A volta era mais difícil, o corpo já cansado, carregávamos no lombo o cambo de caranguejo, às vezes as lamas chegavam até a cintura exigindo muita força. O pé descalço passava por cima de espinho, raízes, pedaços de pau. A captura do crustáceo naquele tempo não exigia muito esforço. Quando começamos existia muito caranguejo e pouco caranguejeiro. Os caranguejos eram maiores e mais bonitos. Naquela época rapaz, eles se escondiam em buracos rasos, era muito fácil de pegar não exigia dificuldade. Hoje em dia o Delta está sendo sugado por um grande número de catadores vindos de todo o canto dessa região. Tem nego do Passarim, Caiçara, Canarias. Esses cabras não querem saber de fazer outra coisa.<sup>16</sup>

Antônio João Paulo:

Saiamos 5 horas da manha, ficávamos o dia inteiro, a sol e chuva. Naquele tempo era tempo dos homens ignorantes mesmo. Não levamos nada para se embrulhar só a farinha para comer. O buraco naquele tempo era mais raso, por isso usávamos só o braço. Tínhamos que fazer toda viagem no remo. Era um trabalho difícil.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> Depoimento cedido pelo Antônio Abrão ao autor em 26 de Julho de 2012

<sup>17</sup> Antônio Jose, op. cit.

Hoje em dia, os filhos desses novos catadores usam uma espécie de compensação para o braço chamado de *cambito*<sup>18</sup>. O caranguejo devido tanta exploração começa a se esconder em buracos mais profundos e, quando o braço não alcança o caranguejo no fundo das locas eles usam o *cambito* para chegar até o caranguejo, correndo o risco de muitas vezes, estraçalhar o corpo do *crustáceo*. Usam também uma espécie de proteção no braço. Um pano grosso que prendem nos braços para evitar o contato com pedaços de paus, cascos de mariscos e que se escondem por entre os buracos. Os dedos também são revestidos por *dedais*. Esses *dedais* evitam o dor insuportável de um apertão das patas grandes e fortes dos caranguejos. A bota, ou os sapatos, também são recurso de primeira necessidade, pois não se sabe o que encontra dentro da lama. A única parte que não é coberta hoje pelos novos catadores é a região do rosto. *Remo* é um instrumento que também está quase em extinção, pois a maioria dos pescadores tem *rabeta*, um motor que é acoplado na popa da canoa.

A cata do caranguejo na até meados dos anos 80 era um trabalho familiar, desta forma os catadores tinham certa autonomia, pois podiam decidir quais eram os compradores de suas mercadorias. Depois de extraídos os caranguejos os catadores saíam rumo ao centro de Parnaíba, mais precisamente na feira. Lá, eles mesmos comercializavam seus produtos e voltavam para o seio de sua família. Assim relata seu Manuel:

Não tinha estrada, nem ponte. Passávamos por dentro do carnaubal com nossos caranguejos nas costas. Era uma viagem longa e cansativa. Mais para horas ninguém nem ligava. Atravessávamos o rio de canoa, ou de balsa. A viagem era a pé mesmo. Chegando na feira de madrugada, sentávamos no chão e esperávamos contentes pelos compradores. Naquele tempo era no remo, duas mares para chegar até a ponte, nesse tempo não tinha nada para se enrolar. Quando a mare enchia nos descia o baixo. Nossa vida era essa<sup>19</sup>.

O tempo do mangue era regido pelo *tic-tac* da natureza. A maré desempenhava um papel fundamental, visto que só poderiam avançar em suas investidas pelos rios quando a maré estivesse seca, só assim poderiam remar a favor das correntezas do rio e explorar o mangue, já que não estavam tomados pelas águas do rio. Dentro do *mangue* o tempo e

---

<sup>18</sup> Compensação para o braço feito de madeira em forma de gancho que é usado para puxar o caranguejo do buraco.

<sup>19</sup> Depoimento cedido ao autor pelo Sr. Manoel Pereira em 22 de Julho de 2012.

empiricamente contado pelos sentidos. Água quando sobe indica um tempo para aqueles homens, diferente da maré baixa. O sol também tem um papel de indicador e medidor do tempo. Ele indica o meio dia, hora de encher a barriga. Quando o sol está baixo é sinal que o dia já está acabando, hora de amarrar os caranguejos no cambo e voltar para a canoa. O barulho e o canto dos bichos também podem ser indicativos de alguma coisa, de algum presságio ou acontecimento. O chocalho do rabo da cobra pode indicar desgraça, o barulho das rãs pode se sinal de chuva. Thompson nos ajuda a entender melhor o tempo da natureza;

Sem dúvida esse descaso pelo tempo do relógio só é possível numa comunidade de pequenos agricultores e pescadores, cuja estrutura de mercado e administração é mínima e, na qual as tarefas diárias (que podem variar de pesca ao plantio, construção de casas, remendo de redes, feitura dos telhados, de um berço ou de um caixão) parecem se desenrolar, pela lógica da necessidade, diante dos olhos do pequeno lavrador. (Thompson, pag. 271, 1998)

Senhor Guajirú nos fala um pouco sobre a forma como o tempo é sentido dentro do mangue: “Quando a maré enchia era momento de voltar para casa. Nossa vida era essa. As horas eram percebidas pela subida e descida da maré. Mas tinha um avião que passava todo dia às cinco horas por cima de nossas cabeças, assim sabíamos eu era hora de voltar”<sup>20</sup>. (*risos*) Como podemos perceber a administração do tempo era mínima e o descaso pelo relógio era frequente nos trabalhos dos catadores em décadas passadas, nos fazendo concluir que viviam de forma intensa o tempo da natureza.

A autonomia do catador de caranguejo e a tranquilidade do *mangue* acabaram sendo ameaçadas em meados do final da década de 80. Aparecem na cena do comércio do caranguejo um personagem que iria mudar os contornos da história do trabalhador do mangue o “*atravessador*”. É o nome dado à pessoa responsável em comprar os caranguejos diretos dos caranguejeiros e vende para restaurantes e bares no litoral do nordeste. O primeiro *atravessador* conhecidos pelos profissionais entrevistados foi um homem chamado *Chaga Cambista*. O aparecimento desse novo personagem acabou desorganizando o livre comércio dos caranguejeiros que acabaram sendo arrebanhados pelo comerciante que comprava o

---

<sup>20</sup> Sr. Quajiru. Op. cit.

caranguejo muito barato, explorava o trabalho, se aproveitando do imediatismo, preguiça e realização de suas necessidades básicas.

O próprio Chico Cambista, anos mais tarde, foi cooptado por outro atravessador. A comercialização do caranguejo no *Delta do Parnaíba* é realizada através de intermediários que compram dos catadores, gerando uma relação de dependência e submissão. É uma espécie de apadrinhamento ou companheirismo, que reforça a subserviência cega, pois o compromisso de entregar o produto ao compadre é mais forte. Em troca, ele tem assegurado à compra da produção, eliminando o risco de perder o produto. O catador foi obrigado a seguir a partir desse momento um padrão de produtividade. Sobre a relação conflituosa entre catadores e *atravessador* nos conta Sr. Julinho;

Daniel, o tempo foi passando e ninguém nunca ouvia falar em atravessador. De repente esse tal de Chaga Cambista aparece por aqui, agente só procura o melhor, achando que era melhor resolvemos começar a confiar nesse cara. Antes do Chaga Cambista apareceu o senhor Luiz Pirinã que Deus o tenha. Esses caras, compravam o caranguejo na Vala. E levavam o caranguejo nas costas de um animal. Agente trabalhava o dia todo para esses cabras. Até porque tínhamos que esperar o motor dele chegar. E não parávamos em nenhum momento meu irmão. Agente saía segunda feira e chegava sábado a noite. Isso aí foi que fez nos pensar um pouco que nos estávamos sendo humilhados demais. Foi aí que tivemos a ideia de sairmos rumo ao Fortaleza. Era um grupo de 15 caranguejeiros. Saímos da praça principal e fomos até a Praia do Futuro para vender caranguejo para donos de bares e donos de restaurantes<sup>21</sup>.

Na década de 80 aparece o maior comerciante de caranguejo da história. *Chico do Caranguejo*<sup>22</sup> o “*Rei do Caranguejo*”. Essa alcunha não é dada a toa, o empresário do caranguejo que montou um império em Fortaleza. Ainda hoje é o maior comprador de caranguejo do Delta do Parnaíba levando toda semana milhares e milhares de caranguejo dos mangues da região.

O caranguejo começa a ganhar importância nas praias do Nordeste. O turismo começa a ter maior movimentação pelas praias brasileiras. O prato do caranguejo começou a ser privilegiado pelos turistas. O caranguejo é um prato exótico; com sua carne branca e patas grandes conquistou o gosto da maioria dos visitantes do Nordeste. Muitos desses turistas

---

<sup>21</sup> Sr. Julinho, op. cit.



querem ter a sensação de pegar em um bicho exótico que tem diversas patas, que tem que quebrar, abrir, isso é uma atração para o universo imaginário do turista. O caranguejo dominou as mesas dos restaurantes das praias do Brasil, principalmente *Fortaleza*, lugar para onde vai a grande maioria dos caranguejos do *Delta do Parnaíba*.

Essa lógica comercial foi introduzida de maneira devastadora para o trabalho nos mangues. O manguê foi atacado por um grande número de catadores oriundos de diversos lugares do Delta. Lanchas e mais lanchas atracam diariamente nas ribanceiras do manguê. E o catador querendo ganhar mais dinheiro se deixou seduzir pelo capitalismo comercial do caranguejo. Ficou louco com a ideia de produtividade e dinheiro rápido. Cada vez queria tirar mais corda, mais caranguejo. O resultado foi o aparecimento de técnicas que comprometeram o equilíbrio *ecológico* do *manguê*, técnicas estas, muitas vezes criminosas e nada artesanais. Veja o que senhor Abrão nos fala sobre ânsia por caranguejo;

Os caras do maranhão começaram a entrar com latas do manguê. Eles colocavam a lata na boca do buraco e quando o bicho quisesse sair para namorar ele era capturado. Era uma espécie de armadilha. Os bichinhos ficavam presos do fundo da lata e não tinham jeito de sair. Os cabras chegavam e tiraram os bichinhos da lata, em questão de minutos o bote já estavam lotado e caranguejo. Os catadores ficaram doidos. Chegou ao ponto dos *Dóricus* comprarem um compressor. Ele servia para sugar os caranguejos de dentro da loca. Era como fosse um aspirador gigante. só com o passar do tempo ele foi esquecida. Muitos caranguejos que ela sugava já chegavam morte, esbagaçados.<sup>23</sup>

Senhor Julinho:

Quando o Chico entrou aqui, ele só tinha um carro velho. Dizia que era nosso amigo, pagava adiantado. Depois o negócio começou a mudar. A exploração foi aumentando e aumentando. Muitos como eu deixaram de ser capacho dele. Ele atrapalhou nosso projeto de vender direto ao proprietário de bar. Ele foi na boca da noite e comprou todos os comerciantes. Quando chegamos para vender todos se recusavam. Isso porque ele quer ver agente como empregado dele sempre. Hoje tã ele tem mais 6 carros importados e nos continuamos nas mesmas condições. Se o catador ainda vive condições de vida a culpa e dele mesmo, não acredita no outro.<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> Abrão, op, cit.

<sup>24</sup> Sr. Julinho, op, cit.

Hoje já se observa um número excessivo de catadores no mangue e, concomitantemente com o desenvolvimento de praticas predatórias. Captura do caranguejo na região do Delta do Parnaíba é a atividade pesqueira com a maior significação econômica da região. Sua contribuição vem decrescendo nos últimos anos. Em um trabalho importantíssimo de Ana Helena sobre comercialização do caranguejo ela nos explica sobre o comércio do *crustáceo*;

A captura e comercialização do caranguejo absorvem grande parte da mão-de-obra da região do Delta do Parnaíba, em torno de 20 comunidades da região sobrevivem deste trabalho, são cerca de 2.500 famílias, entre catadores, transportadores vendedores dos estados do Piauí, Maranhão e Ceará, que tem nesta atividade sua principal fonte de renda. Anualmente, segundo são comercializadas cerca de 1.200 toneladas de caranguejo, oriundos dos manguezais do Delta do Parnaíba. (ANA HELENA, 2005, p. 171)

Segundos dados da pesquisa de Ana Helena “em media, a produção diária de um catador de caranguejo no Delta do Parnaíba é de 15 cordas, cada uma pensando em torno de 0, 700 Kg.”<sup>25</sup> As cordas de caranguejo são entregues para o atravessador por um preço que varia de R\$0,40 a R\$ 1,50, dependendo do tamanho dos animais e do período do ano, isto é, caso seja época do veraneio, conseguem o maior valor. Essa mesma quantidade de caranguejos é comercializada nas praias do Piauí por R\$5,00 e em Fortaleza por R\$ 10,00, o que nos dá indícios da exploração econômica da categoria.

Segundo uma pesquisa feita pela A *Embrapa* Meio-Norte, em parceria com a UFPI, através do financiamento da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca da Presidência da República (SEAP-PR), onde realizou o primeiro estudo sobre o perfil socioeconômico dos catadores de caranguejo do Piauí. O resultado foi surpreendente, na medida em que escancara a verdadeira situação desses trabalhadores que tem a extração do crustáceo com único meio de sobrevivência.

Segundo os resultados do trabalho, o extrativismo do caranguejo foi apontado por 41% dos entrevistados como a principal fonte de renda. Além da cata do caranguejo, 38,8% praticam a pesca de outras espécies e 12% desenvolvem outras atividades (3,3% a roça, 2,7% a pesca e a roça, 1,7% o artesanato). A renda média mensal da maioria dos entrevistados (66,3%) é menor que um salário mínimo; 25% recebem em torno de um salário e 8,7% entre um e dois salários. Aproximadamente 50% dos

---

<sup>25</sup> Ana Helena. *Práticas produtivas e (in) sustentabilidade: os catadores de caranguejo do Delta do Parnaíba*. Teresina: UFPI, 2005. Pág. 18 e 19.

catadores não são beneficiados por programas governamentais como bolsa escola, bolsa família, vale gás e outro. A pesca do caranguejo é praticada predominantemente pelo sexo masculino, sendo apenas um entre os 300 catadores entrevistados do sexo feminino. Do total, 33,3% dos catadores possuem idade entre 21 e 30 anos, 29,7% entre 31 e 40 anos, 15,3% entre 41 e 50 anos, 9% entre 51 e 60 anos, 2,7% mais de 61 anos e 9,7% abaixo de 20 anos. Quanto à escolaridade, 23,7% dos entrevistados são analfabetos, 55,7% não completaram o ensino fundamental, 6,6% têm o ensino fundamental completo, 3% têm o ensino médio completo e 11% não responderam. A falta de organização dos catadores foi evidenciada na ausência de participação em colônias, sindicatos, cooperativas, ou associações. Dos entrevistados, 65,3% não participam de nenhuma forma de organização, 23% participam de colônia, 7,3% participam de sindicatos, 4,3% participam de associação/cooperativa. A única cooperativa de catadores existente no estado do Piauí é sediada no município de Ilha Grande.

Quanto ao número de caranguejos capturados, a maioria dos catadores (62%) afirma coletar entre 40 e 80 caranguejos por dia. Nos meses de novembro, dezembro, janeiro, fevereiro e julho, a captura é intensificada devido à elevação do fluxo de turistas para o litoral. Segundo a opinião popular e a mídia, os caranguejos capturados no Piauí abastecem o principal centro consumidor da região que é a cidade de Fortaleza (CE). Entretanto, 70,6% dos catadores entrevistados vendem a sua produção no município de Parnaíba e apenas 10,6% afirmaram que o destino do produto é Fortaleza. Desta forma, os caranguejos capturados abastecem preferencialmente o estado do Piauí, cabendo aos municípios maranhenses de Araiões e Água Doce, a exportação de caranguejos para o Estado do Ceará. (Jeferson, IBAMA, 2008)<sup>26</sup>

Os catadores de caranguejo em sua grande maioria ainda vivem em condições precárias, em detrimento disso os atravessadores exigem mais e mais cordas de caranguejo, o mangue atualmente vem sendo invadido por catadores que não tem relação ecológica e simbólica com o mesmo, e isso ocasiona uma consequência avassaladora a natureza. Os catadores perdem as suas tradições voltando-se ao comércio do caranguejo e, ao atravessador. A maioria dos catadores de caranguejo são analfabetos e não tem uma vivencia sindical. Seu trabalho é amarrado ao atravessador que o despolitiza.

---

<sup>26</sup> FRANCISCO, Jefferson Alves. *O perfil socioeconômico dos catadores de caranguejo no Piauí.*

Disponível em: < <http://www.embrapa.br/imprensa/artigos/2008> > Data do Acesso 28/12/2011

## CAPITULO 2

### HISTORIA DE VIDA E FORMAÇÃO DO BAIRRO LOQUINHAS

*A Vida não é a que uma pessoa viveu, mas sim a que ela recorda e como a recorda para contá-la.*  
*Gabriel Garcia Marques*

Um das grandes novelas da teledramaturgia brasileira, sem sombras de duvidas, foi a *Renascer*. Uma produção do ano de 1993, escrita por Benedito Ruy Barbosa. Além de um elenco de alta competência a novela de época foi gravada na Bahia para com o intuito de ser fiel a um período áureo da economia regional; o período das fazendas de cacau e conseqüentemente da prosperidade e enriquecimento de muitos fazendeiros da região. A trama da novela se prende a uma relação conflituosa de pai e filho. Nessa novela um personagem ficou celebrizado nas mentes e nos corações dos brasileiros, seu nome era Tião das Galinhas (Osmar Prado), um catador de caranguejo. Esse personagem é o porta voz da denúncia das condições de trabalho e da vida miserável de vários trabalhadores do Brasil. Um homem que sonha sair do manguezal e imigrar para zonas de plantação de cacau no intuito de mudar de vida.

Um das cenas mais emocionantes da novela se dá com o próprio Tião no mangue; a fotografia é sublime. O mangue na sua imagem fria e viva. As raízes que mais parecem braços grossos e tortuosos que se enfiam na lama com seu aspecto velho e melancólico. Tião, imbricado nas raízes do mangue se rasteja como um bicho na lama, a música de fundo é arrepiante. A novela quis deixar bem claro como era o trabalho de catador de caranguejo que ao mesmo tempo em que capturava o bicho tinha que automaticamente virar bicho. Um trabalho animalizante, sujo, e asqueroso que desagrade o próprio catador que através de um ato epifânico tem noção de sua miséria e indignidade humana. Os movimentos do trabalho foram fortemente reproduzidos, a dor e desolação eram presente no rosto de Tião, pois este, nesse momento sentia uma repugnância de seu próprio trabalho. Ele começa a dizer a si mesmo “Eu não quero isso mais não, eu não quero essa vida! Eu não quero!” olha para caranguejo e diz que não quer isso para eles também, e filosofando afirma que “todos somos iguais nessa lama de vida”. Num gesto de revolta solta todos os caranguejos, agarra sua

mulher na lama e implora para que ela o tire dessa vida, deitam-se na lama e num gesto de acasalamento crustáceo se enroscam e juram fugir daquele inferno que é o *mangue*.

Essa novela acabou criando uma imagem de catador de caranguejo no imaginário social do brasileiro, de homens que vivem no duro e pesado trabalho no mangue, que se desumanizam no ato mimético de virar bicho, para, conseqüentemente conseguir retirar da natureza, o sustento de sua família. Ao mesmo tempo em que o ofício da cata do caranguejo foi retratado como uma atividade sofrida e desmoralizante, na medida em que até o próprio catador tem vergonha e preconceito da atividade profissional que foi obrigado a escolher.

Os dramas nos *mangues* de uma *Recife* decadente e desigual, onde a região da lama ficava reservada para os pobres *homens - bichos*, que estavam fadados à fome e dor da existência, foi muito bem retratado pelo grande Josué de Castro;

Os mangues de Recife são o paraíso de caranguejo. Se a terra foi feita para o homem, com tudo para bem servi-lo, o mangue foi feito especialmente para o caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela. A lama misturada com urina, excremento e outros resíduos que maré traz. Quando ainda não é caranguejo, vai ser. O caranguejo nasce nela, vive dela, cresce comendo lama, engordando com as porcarias dela, fabricando com a lama a carinha branca de suas patas e a geleia esverdeada de suas vísceras pegajosas. (Josué de Castro, 2010, p. 26).

Nesse texto podemos perceber a diferenciação do homem para o caranguejo. O *mangue* foi feito para o caranguejo, enquanto a terra foi feita para o homem. O homem que entra e vive no mangue acaba renegando sua natureza de homem para viver naquelas horas uma nova natureza; a sua natureza de bicho.

Homens e mulheres do mangue vivem a margem da existência humana. Por isso são desprezados e excluídos do convívio, pois são seres mimetizados em caranguejos. Como Josué (2010) retrata de maneira poética no livro *Homens e Caranguejos* os homens extraem e comem o caranguejo e acabam se transformando em caranguejo “o povo vive a pegar caranguejo, a chupar suas patas, comer e lambe os seus cascos até que fiquem limpos como

um copo e com sua carne feita de lama fazer a carne do seu corpo e a do corpo de seus filhos”.<sup>27</sup>

Devido essa série de discursos e imagens que a sociedade acabou assimilando a cata do caranguejo acabou sendo ligada a noções simbólicas associadas ao desprestígio. A lama, o trabalho manual, o rastejar do próprio corpo feito bichos. Essa atividade profissional não está ligada ao trabalho intelectual, segundo o senso comum e, sim pela performance do corpo; o catador de caranguejo acaba se transformando em bicho que rasteja no mangue como a maioria dos diversos bichos que vivem nesse *habitat*.

Esses trabalhadores da lama acabam sujeitos a certo grau de discriminação, à medida que carregam o estigma de “trabalhadores da lama”, de “fedorentos de barro”, de “unhas sujas” de corpo cheio de feridas oriundas de um trabalho animalesco. Sobre esses símbolos de status que circulam em certos ambientes em determinados grupos sociais o antropólogo Gilberto Velho discorre em seu livro *a Utopia Urbana*:

(...) a minha hipótese que estão sendo examinadas neste meu trabalho giram em torno, essencialmente de símbolos de expressam essa distribuição de poder dentro da sociedade. Esses símbolos são de desprestígio e status, e, em última análise expressam um determinada visão de sociedade comum ao universo pesquisado. (Velho, 2003, p. 55)

A maioria dos catadores de caranguejo da Ilha Grande mora em um bairro chamado *Loquinhas*. Esse bairro, segundo os relatos dos moradores desse lugar, foi criado por seus pais e avós em meados da década de 80. É um bairro que mora aproximadamente quarenta famílias, e grande parte delas são constituídas de catadores de caranguejo. É um bairro pobre e de gente humilde. Esses homens vivem divididos entre pescar, trabalhar na roça, e na cata do caranguejo. Esse bairro, também faz parte do imaginário do autor: recordando os momentos na escola, era motivo de envergonhar alguém dizer que ele morava nos *Loquinhas*. Ou quando se queria ofender alguém se dizia: Tu parece que vens é dos *Loquinhas*. Morar no bairro citado significa tudo que era bárbaro, desprezível, atrasado, grosseiro, feio, ridículo, asqueroso.

---

<sup>27</sup> Castro, Josué de. *Homens e Caranguejos*. – 4ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 108.

Esse bairro acabou ganhando um nome emblemático “*Canto dos Loquinhos*” devido à alusão a loca do caranguejo, lugar onde o crustáceo se esconde depois de entranhar na lama, fazendo um buraco profundo. E dentro desse buraco que come, defeca, vegeta, dorme etc. Esse bairro acabou sendo o refúgio dos profissionais do caranguejo que tinham que ser afastados dos grandes centros e escondidos nas margens, nos buracos, nas locas. Esse lugarejo sofreu por muito tempo, ainda sofre até hoje o estigma de ser habitado pelos habitantes do *mangue*, pelos trabalhadores da lama, pelos homens sujos e pobres que não podem se misturar com a burguesia limpa, moralista. Friedrich Engels em sua grande obra a “*Situação da Classe Operaria Inglesa*” expõem como se forma a maioria dos bairros pobres ingleses, escancarando suas habitações e condições de vida:

Todas as grandes cidades têm um ou vários “bairros de má fama” onde se concentra a classe operaria. É certo ser frequente a miséria abrigar-se em vielas escondidas, embora próximas aos palácios dos ricos; mas, em geral, é-lhe designada uma área a parti, na qual, longe do olhar das classes mais afortunadas, deve safar-se, bem ou mal, sozinha. Na Inglaterra, esses “bairros de má fama” se estruturam mais ou menos da mesma forma que em quase todas as cidades: as piores casas na parte mais feia da cidade; quase sempre uma longa fila de construção de tijolos, de um ou dois andares, eventualmente com porões habitados e em geral dispostas de maneira irregular. Essas pequenas casas de três ou quatro cômodos e cozinha chamam-se cottages e normalmente constituem em toda a Inglaterra, exceto em alguns bairros de Londres, a habitação da classe operaria. Habitualmente, as ruas não são planas nem calçadas, são sujas, tomadas por detritos vegetais e animais, sem esgotos ou canais de escoamento, cheias de charcos estagnados e fétidos. A ventilação na área é precária, dada a estrutura irregular do bairro e, como nesses espaços restritos vivem muita zonas operarias- onde, ademais, quando faz bom tempo, as ruas servem aos varais que, estendidos de uma casa a outra, são usados para secar a roupa. (Engels, 2010, p. 70)

Os moradores desse bairro de “má fama” sofreram e sofrem na pele, por muitos anos o peso do preconceito. Preconceito este, que oriundo de um lugar provinciano e mesquinho que rotula o outro devido à atividade que esse outro desempenha. O bairro dos Loquinhos foi visto como um lugar de bichos caranguejos, que por causa de sua “animalidade crustácea” deveria ser mantido bem longe das pessoas limpas, normais e civilizada. Os catadores de caranguejo foram afastados do centro da cidade, não poderiam ser vistos, nem dividir os espaços com ninguém, por isso eram escondidos dentro dos Loca de caranguejo, chamada de Canto dos Loquinhos.

O centro da cidade de *Ilha Grande*, onde antigamente era chamado *Morros da Mariana*, comunidade formada por Dona Mariana Alexandra em 1962. Era o lugar onde moravam as famílias mais abastadas, na sua grande maioria, comerciantes. Muitos dos relatos dos catadores faziam alusão aos estigmas e estereótipos em que eram rotulados quando passavam pelo Centro. Diziam eles que quando passavam pela *Avenida Martins Ribeiro* para pegar suas canoas e seguir rumo ao trabalho eram metralhados por gritos que diziam “*olha que os caranguejos estão passando*”. Devido esse tipo de preconceito o *Bairro Loquinhos* acabou sendo o refugio de muitos desses trabalhadores. Um bairro formado por catadores que no decorrer da história e da memória desses homens acabou adquirindo, como fala Engels, o estigma de má fama.

Para diminuir o preconceito que a população tinha em relação ao bairro, e a má fama que esse adquiria, tiveram a ideia de criar um clube de futebol, clube esse formado pelos moradores e pelos carangueiros. Em 1982 foi criado o *Loquinha Futebol Clube*. Essa iniciativa tinha objetivo de mostrar que os catadores de caranguejo eram pessoas comuns que jogavam bola, se divertiam, tinham necessidade de relações sociais e, eram iguais a todo mundo. O senhor Joao Paulo hoje com 66 anos conta como foi à criação desse time:

Naquele tempo o futebol era animado, por isso criamos o time. A maioria carangueiro, não aguentava mais nosso lugar ser debochado. Então criamos o time Loquinha Futebol Clube, formado pelos próprios catadores de caranguejo. Meu irmão Tomas era uma craque, jogava nesse time também o Abel Estevão, Carlito de Piala. Era um timaço. Quando o time ia jogar nesse campo ai dos morros, era uma confusão. O nosso principal adversário era o Semar, o Piranha alguns anos depois. Levamos esse time para os quatro cantos da cidade, com intuito de nos divertir, claro, mas também de botar na cabeça das pessoas que éramos pessoas normais, que gostava de futebol com qualquer outra.

Esses homens relatam sem nenhuma vergonha, mas de forma pitoresca e engraçada como era a vida de um jovem carangueiro em décadas atrás, e como a sociedade reagia e se posicionava quanto a sua presença. Seu Julinho assim diz:

Entramos no campeonato, jogamos em todos os bairros do lugar. Só através do esporte fomos respeitados e não tínhamos vergonha de mostrar nossa cara. Foi um tempo bom, de muitas lembranças boas. Rapaz, muitas festas o carangueiro não podia entrar. Imagine um jovem ficara fora da festa só porque pegava caranguejo. Nos bazar quando entravamos e tínhamos a coragem de pegar uma moça para



dançar, ela se recusava. Dizia assim Daniel: não danço com caranguejeiro nem a pau, eu não passar essa vergonha na frente de todo mundo. Daniel, me lembro como fosse hoje. Nesse dia tinha um bazar, era última noite de festejo. Naquele tempo a moça se gostasse do cabra tinha que segurar a mão dele a festa inteira. Estavam eu o catador de caranguejo e uma moça encostados à parede de mãos dadas. Derrepente, vem um estudante, (naquele tempo ele fazia direito, hoje é um advogado famoso). Ele olhou a moça dos pés a cabeça e depois disse para menina. “o que você está fazendo segurando a mão desse cara?” E ela pergunta “por que não posso?” e ele devolve a resposta “você tá namorando esse cara, esse cabra aí é um bicho, é um bicho da lama.”<sup>28</sup>

O senhor João Paulo relatou que os comerciantes não queriam vender seus produtos aos caranguejeiros. O dono da quitanda perguntava logo: “é caranguejeiro? se for, pode sair que não vendo”<sup>29</sup>.

Todos esses catadores disseram que tem muito orgulho de serem catadores de caranguejo, mas que o preconceito era tanto que em algum momento da vida sempre eram atormentados pela vergonha. Tinham vergonha de serem caranguejeiros, devido tanta reprovação e preconceito que a sociedade provinciana dos *Morros da Mariana* se revestia. O senhor Guajiru<sup>30</sup> dizia que sempre gostou de tomar uma cervejinha, de conversar com os colegas no barzinho. De repente escutava um grito: “*eitaaa! Caranguejeiro não sabe nem pegar em copo de cerveja.* Para população esse grupo de homens que viviam nos *Loquinhas*, ou melhor na loca do caranguejo, denominação dada pelos outros, eram bichos rudes que tinham níveis de humanidade parecida com bárbaros ou animais, visto que viviam como caranguejos.

A maioria dos catadores entrevistados são afetados pelo fenômeno do analfabetismo, o caminho da escola foi desviado devido à necessidade de se trabalhar cedo. A educação no Piauí andava a passos de tartaruga mansa, esquecido por práticas políticas centralizadoras e eleitoreiras. Esses pobres homens ficavam a mercê do descaso. Em grande parte dos relatos o que se pode entender é que muitos viraram catadores de caranguejo não por opção, mas por necessidade, sobrevivência. Muitos desses homens tiveram que virar chefe de família cedo, trabalhar para sustentar irmãos e conseqüentemente largar a escola.

Sr. Antônio Paulo diz que:

---

<sup>28</sup> Sr. Julinho, op. cit.

<sup>29</sup> Sr. João Paulo, op. cit.

<sup>30</sup> Sr. Quajiru, op. cit.

Rapaz, naquele tempo não tinha escola, as aulas eram na casa da própria professora e só entrava se o pai comprasse o banco pra sentar, o papai não tinha dinheiro e acabei ficando fora da escola, quando fiquei mais velho tentei voltar novamente mais nada entrou na minha cabeça, tenho uma cabeça dura, aí que vem vergonha quando tenho que assinar usando meus dedos.<sup>31</sup>

A partir desses comentários podemos notar, que a prioridade dessas crianças não estava nos livros, não porque não quisessem, mas porque eram obrigados a escolher o duro trabalho nos mangues, a leitura que tiveram, foi a leitura de mundo, como diz Paulo Freire<sup>32</sup>, as suas escolas foram as vegetações do *Delta do Parnaíba* e os seus cálculos foram as distancias que separavam suas casas dos igarapés.

Muitos desses catadores, ora ou outra, disseram que eram tomados por um sentimento de vergonha. O vexame intimamente degladiava-se com a necessidade de trabalhar. Esses senhores, hoje curados do gene da vergonha, relataram a dificuldade que tinham de conseguir encontrar uma paquera, descolar um namoro. As suas relações afetivas eram prejudicadas pelo fato de exercerem a profissão de catadores de caranguejo. As meninas mais bonitas do Centro, nem se quer eram dignos de olhar. O único jeito de fugir desse romance trágico shakespeariano era namorar as meninas do bairro, as filhas dos catadores, as primas. Isso de certa forma fez com que o Bairro dos Loquinhos se constituíssem através de laços familiares fortíssimos. Uma grande família onde todo mundo é parente de todo mundo.

Os jovens continuam sendo levados pela ignição do ciclo do caranguejo, até porque são influenciados pela vida dos pais catadores. Muitos constituem família cedo, ocasionando o abandono escolar, ou o comprometimento da aprendizagem. Como não existe emprego, o que resta são trabalhos braçais e, prioritariamente a cata do caranguejo.

O preconceito ao bairro Loquinhos vem diminuindo devido a um processo de urbanização (calçamentos, praças, creches foram construídos), assim como a valorização gradativa do trabalho e da cultura realizada pelo catador. O poder público querendo acabar com a má fama baixa um decreto em 2006, para mudar o nome dos Bairros dos Loquinhos para o nome de São Vicente de Paulo. A mudança foi acatada e, de certa forma, tinha o intuito esconder a má fama do bairro e resolver o problema do preconceito com uma mudança de

---

<sup>31</sup> Sr. João Paulo, op. cit.

<sup>32</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17<sup>a</sup> edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro: 1987

nomenclatura, levando para debaixo do tapete a história da constituição desse Bairro. Isso é uma prática muito comum no Brasil. Mudança de nomes de bairros que levam toda uma história e tradição são frequentes. Mas o interessante é que o nome Canto dos Loquinhos faz parte do imaginário da população de Ilha Grande, que reluta em trocar de denominação o bairro.

Os dramas dos mais velhos ainda continuam sendo vivenciados pelos mais novos, no que se restringe a relações afetivas, sociais. Muitos jovens ainda relatam, atualmente, histórias de preconceito. Veja o que diz o ex-catador, o estudante de economia Francisco das Chagas, filho de catador;

Hoje, graças a Deus essa historia do preconceito foi um pouco quebrado, só que ainda existe muita. Na minha época era pesadíssimo; eu nos meus 15 e 16 anos querendo chegar a maturidade, na escola. Graças a Deus que mamãe nunca me deixou sair da escola. As pessoas já te olham diferente. Lembro-me de uma episodio que eu namorava com a menina e ela nem os pais sabiam que eu era caranguejeiro. Um dia minha namorada perguntou: - Tu trabalha de quer? E disse: - sou catador de caranguejo. Pra ela estava tudo legal, mais o pais quando souberam. Um dia elas descobriram e ai elas começaram a mudar e mentindo que a menina não estava em casa. Para evitar um problema maior acabei deixando de mão. Outro relacionamento o pai de uma menina dizia que o caranguejeiro era a pior profissão do mundo.<sup>33</sup>

Em 2008, o MANDU, grupo que trabalha com o empreendedorismo juvenil, voltado para a defesa do meio ambiente, articulou um projeto com os jovens do Bairro dos Loquinhos. Cursos na área de proteção ambiental, ecologia, liderança e empreendedorismo. Os jovens foram provocados a refletirem sobre suas realidades e, conseqüentemente, buscarem alternativa de mudança da realidade social do qual viviam. Foi assim que surgiu, em 2009, a peça teatral “As aventuras de João Uçá e Raimundo Jandaí”. O objetivo da peça era transmitir ao publico histórias de preconceitos vividos pelos catadores da comunidade e, também, mostrar como a sociedade se comportava diante de um catador de caranguejo.

---

<sup>33</sup> Entrevista ao autor pelo Francisco das Chagas no dia 5 de janeiro de 2013.

### CAPITULO 3

## RESISTENCIA: ORGANIZAÇÃO POLÍTICA, ATUAIS LUTAS

Não vamos explorar com prejuízo  
 Este lindo paraíso  
 Que Deus fez com tanto amor  
 Meio ambiente é por você que sempre vou lutar  
 Para preservar a fauna e a flora  
 E a cadeia alimentar.  
*Seu Julinho- catador de caranguejo*

Através de narrativas dessas vivências pessoais que se compreende a elaboração de um conhecimento e entendimento político. As relações de força e poder não passaram por esses homens de forma imperceptível. Nem essas memórias são neutras ou isentas de um posicionamento. Isso no faz entender o quanto a atividade de lembrar tem uma função social e, acima de tudo política, na medida em que o sujeito organiza suas interpretações e posicionamento sob a régua de suas experiências, e, esse narrar faz com que as vozes do presente se entrelacem com as vozes do passado, ressignificando-as e, compartilhando-as com seu grupo social.

Os catadores de caranguejo são homens atentos e perspicazes que lançam mão das lembranças ora como refúgio, ora como resistência. De onde vem toda essa coragem do catador? Ecléa Bosi (1994, p.91) responde: “Seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é contá-la até o fim, sem medo. Uma atmosfera sagrada circunda o narrador”. As memórias desses catadores de caranguejo são marcadas por diversas experiências de dor, de vergonha ultrajante, de opressão e de luta, mas rememorar é uma atividade de alívio psicológico e contam-na até o fim, sem medo e com muita dignidade. Esses homens adoram um dedo de prosa (permitam-me a coloquialidade) e conservam afiadas a mnemosne (a deusa da memória)irmã de Cronos, que desvenda o aspecto místico do tempo. A visão dos tempos antigos pelo processo de anamneses era uma espécie de revelação de um mistério, libertando-o todo aquele que ver o tempo que passou, dos males de hoje. Libertar dos males de hoje é uma função da memória política.

Contam os catadores, em suas memórias políticas, que sempre viverem pressionados por morarem em terras da *Família dos Silva*<sup>34</sup>. A *Ilha Grande*, assim como todas as terras que ultrapassam os limites do Rio Parnaíba, serviram por muitas épocas como fazendas dos gados dessa família tradicional de renome que reinou durante muitas décadas no cenário político local e nacional. Nomes como *Alberto Tavares Silva*, *João Tavares da Silva Filho* e muito outros descendentes, eram figuras cativas nas cadeiras do legislativo e executivo do Piauí.

*Os Silvas* (assim como são conhecidos), são figuras ilustres que alimentam de forma quase unânime o imaginário social de muitos dos moradores de Ilha Grande. Homens que têm seus nomes reverenciados e lembrados em escolas, postos de saúde *et cetera* e, que direta ou indiretamente estiveram hora como responsáveis pela modernidade, como diz Manoel Domingo Neto (2010, p. 26), e, hora como protagonistas do encabestramento do povo, resultando em divisões sociais e empobrecimento, fazendo o trabalhador um ser incapaz de interferir no jogo político.

Esses homens ilustres quando queriam voto, deixavam seu conforto, suas mansões e atravessavam a ponte em busca de seus eleitores “cativos”. Eram os donos da terra, e usavam esse argumento como forma de persuadir e pressionar os pobres trabalhadores que nasceram e se criaram nesse pedaço de chão da Ilha Grande. Esses homens usavam seus vaqueiros como agente de constrangimento e de intermediação. Assim diz senhor Abrão sobre suas memórias políticas:

Um dia desses, um desses rapazes dos *Galdinos* chegou para mim dizendo: rapaz vamos voltar nos Silva, pois sempre moramos nas terras deles. Eu disse: Esses Silva deve é nós. Aqui eles não são donos de nada não. Essa gente não tem terra. Desde que me entendi por gente esses Silva mandaram a política aqui, esses homens estão podres ricos. E nos o que temos? Nada. Agora porque morávamos em um pedaço de chão somos obrigados a votar por essas gentes. Esses homens dos Silva sempre tratavam a gente como boi. Por aqui era o curral dessa gente. Só vinha aqui para pegar os votos. Esses homens sempre ameaçaram a gente de que a terra eram deles. De que devíamos aos Silvas, que devíamos favor. Aqui sempre vivi com esse medo. Eu não podia levantar uma casa boa, não podia fazer uma cerca era denunciado para os Silva. Eu tive que ir lá para pedir permissão para levantar essa casa. (na época só era aceito fazer casa de barro, não aceitavam fazer cerca). Aí, tive que ir muitas vezes pedir permissão para fazer minha casa de tijolo.<sup>35</sup>

<sup>34</sup> Família tradicional que comandou politicamente Parnaíba e o Piauí por décadas. Grandes fazendeiros, donos de terras em Ilha Grande de Santa Isabel e Ilha Grande.

<sup>35</sup> Depoimento cedido pelo Sr. Abrão ao autor em no dia 12 de dezembro de 2012.

O *Bairro dos Loquinhos*, que fazia parte das terras da Família Silva, sempre foi usado como moeda de troca para pressionar o catador a votar em determinado “fulano”, ou senão, correriam o risco de serem expulsos das terras. Bairro que, segundo eles, só era visitado na época de eleição, sendo “embriagados” por promessas que nunca foram concretizadas.

As memórias repletas de um teor político começam a vir à tona de forma historicamente compartilhada em meados de 1980. Época do desfrute de uma liberdade de pensamento e de organização política que se difundia pelo Brasil democrático de forma alvissareira, querendo arejar os ares de opressão ditatorial de décadas anteriores. Grande parte dos catadores eram engajados em grupos da igreja, principalmente os eclesiais de base, que de forma direta ou indireta propiciavam momentos de discursões. Os catadores, como podemos observar em capítulos anteriores, trabalharam por muitos anos para o *Chico do Caranguejo*. Segundo muitos dos relatos foram épocas de muita humilhação, decepções, privações e pouco retorno monetário. Luiz Tadeu, em sua pesquisa sobre a industrialização do caranguejo fala um pouco sobre o famoso atravessador;

Entre os atacadistas que atuam naquela região destacam-se o conhecido “Chico do Caranguejo”, que domina grande parte deste mercado, e outro empresário que explora o restaurante do complexo turístico Beach Park, situado próximo a Fortaleza - CE. Além de abastecerem seus restaurantes, ambos vendem parte dos caranguejos adquiridos a outros estabelecimentos comerciais, principalmente a barracas de praia de Fortaleza. (Luiz Tadeu, 2012, p. 29)

Muitas vezes o *Chico do Caranguejo* se recusava receber os caranguejos, ou não fazia o pagamento, obrigando os catadores a voltar pra casa sem dinheiro. Em finais dos anos 80, eles abandonam o atravessador, e resolvem trabalhar por conta própria vendendo seus caranguejos para os comerciantes locais, principalmente para comerciantes de Parnaíba. *Chico do Caranguejo*, vendo-se acuado, resolve usar grande parte de mão de obra os catadores do Maranhão (Torto, Tutoia, Passarim), que até hoje trabalham para ele. Por três dias da semana, esses trabalhadores ocupam os mangues e extraem milhares e milhares de cordas de caranguejo que serão desembarcados no Porto dos Tatus. Catadores que vendem sua força de trabalho por não encontrarem outra alternativa de trabalho ,e, por sobrevivência. Desses caranguejos embarcados, estimativas confirmam que 40% a 60% (EMBRAPA, 2008; Mota, 2007), chegam ao seu destino mortos, devido a forma de transporte, agravada pelas

relações comerciais monopolistas por parte dos compradores. Sobre o processo de industrialização veja o que nos fala Luiz Tadeu:

Para que o processo de industrialização do caranguejo-uçá se desenvolva na região, é necessário que sejam implementadas normas de transporte mais eficientes para o caranguejo vivo e severas restrições ao beneficiamento do caranguejo em instalações sem inspeção sanitária, como o ocorrido no estado do Pará em 2010, por determinação do Ministério Público local.<sup>36</sup>

Os catadores são levados a servir a uma lógica mercadológica predatória. O comerciante exige cada vez mais a extração de mais cordas. Até porque o *caranguejo-uçá* é um dos crustáceos de maior importância econômica e social do Nordeste. Sua comercialização nas áreas turísticas do nordeste brasileiros é um dos grandes novidades da culinária local, dando sustentação a bares e restaurantes. O catador aproveita essa oportunidade de ganhar dinheiro rápido e de forma imediata. O interessante é que o catador obedecendo a lógica do mercado figura entre o pescadores, que tem o menor poder aquisitivo, e muitos alcançam uma renda inferior a um salário mínimo. Para complementar a renda são obrigados a exercer outro tipo de atividade como pesca e agricultura. Os mangues são os que mais sofrem com essa onda de exploração e extração excessiva.

Os catadores de caranguejo trabalhavam no seio do mangue regidos pelos ponteiros da maré, pelo “tic-tac” da natureza. Os pais e avós dos catadores entrevistados usavam a cata do crustáceo como uma forma de adquirir alimentação rápida, ou complementação da renda familiar e, não como uma forma de enriquecimento. Podiam acordar de manhã sem muita preocupação, e, vendo que suas roças não necessitariam, por hoje, dos seus serviços, arrumavam seus balaios e partiam rumo ao manguezal. A lógica comercial acabou desencadeando um novo ritmo de trabalho ao catador, e ao mangue, que teve que suportar novas relações de sociabilidades, agora comerciais. Tirar grandes quantidades de cordas é meta diária, mesmo se o mangue não “estiver para caranguejo”. Muitos dos novos caranguejeiros -cooptados pelo mercado- só veem a natureza como uma simples fonte de ganhar dinheiro, somente.

---

<sup>36</sup> ASSAD ,Luís Tadeu. Industrialização do caranguejo-uçá do Delta do Parnaíba – Brasília : Codevasf : IABS, 2012.

A falta de alternativas de trabalho e a *incertezas* da natureza fez com que muita gente virasse catador. Nos relatos se percebeu uma coisa interessante. Os moradores das *Ilhas do Maranhão* como; *Torto, Caiçara, Carnaubeira, Morro do Meio* não eram catadores. Grande parte desses homens viviam da pesca e da lavoura. As águas salgadas que invadiam as roças de arroz acabam prejudicando a colheita. E falta de peixes em determinadas épocas obrigavam esses homens- por necessidade- a virarem catadores e se voltarem a prestar serviço a comerciantes e atravessadores como o *Chico do Caranguejo*. O problema dessa lógica comercial é o desrespeito para com o mangue e principalmente o número excessivo de catadores que acarretam um desgaste ao ecossistemas. O catador Marcos relatou a maior dificuldade da profissão atualmente:

Hoje, a dificuldade não é mais a comercialização, e, sim catar o caranguejo. Hoje encontrar o caranguejo esta muito difícil. O caranguejo ficou pouco devido à supercarga. Ficou inviável. Os nossos mangues estão muito pisados. Muitos degastados. Antigamente você trabalhava no ponto uma semana inteira. Ali era só você. Hoje não, você encontra é os grupos. O mangue é pequeno e não tem mais caranguejo. E para completar ele estar fundo. O mangue, por exemplo, chamado as Varas, o maior que eu já conheci do Cútia a Casa Veia, o caranguejo ficava andando, amarelo e grande. Todo mundo só corria pra lá. Hoje você entra lá parece mangue nunca viu caranguejo. Nem buraco tem. Só tem folha. Muita folha. E não é só lá. Diversos mangues do Cútia não tem mais caranguejo. E essa moçada nova que estar começando ele não tem respeito pelo menor e pelo meio ambiente. Ele que é pegar. A tendência e diminuir.<sup>37</sup>

Muitos dos catadores entrevistados relataram que em suas juventudes, a 3 ou 4 décadas atrás, conseguia-se extrair de 100 a 250 cordas de caranguejo por dia. Por curiosidade perguntei: - E hoje? Segundo o Sr. Marcos o máximo que consegue extrair hoje é 30 ou 35 cordas<sup>38</sup>. Quem mais sofre frente essa extração desenfreada, que não obedece a revitalização natural do meio, são o manguezais. Os catadores mais velhos contam como o *mangue* há 40 e 30 anos atrás era fechado e cheio de caranguejo. Hoje, relatam com pesar o quando ele vem sendo destruído e devastado. Os maiores mangues estão diminuindo. Tudo devido o desmatamento de pessoas que cortam o mangue para obter madeira, como também de catadores que não respeitam o ecossistema central do equilíbrio da costa marinha. Os caranguejos diminuíram na mesma proporção; enquanto os catadores triplicaram. Por falta de sombra os caranguejos vão à procura de regiões com mangues, já que precisam de folhas

<sup>37</sup> Depoimento cedido pelo Sr. Marcos Silva Santos ao autor no dia 05 de janeiro de 2012.

<sup>38</sup> Sr. Marcos op. cit.



verdes para se alimentar. Fora isso, existe a grande quantidade de catador, principalmente o mais jovem, que não respeita o ciclo de vida e extraem sem distinção o caranguejo pequeno e grande, macho e fêmea. Isso acaba ocasionado a sua escassez, assim como o aprofundamento de suas tocas, resultando no uso prioritário dos *cambitos*<sup>7</sup> que, usado de maneira irresponsável ocasiona a morte e o destroçamento de dezenas de caranguejos.

O Catador de caranguejo da Ilha Grande rompe os laços com o empresário “*Rei do Caranguejo*” e deslocam-se dos mangues do Maranhão e fixam-se nos mangues do Piauí. Esses catadores da Ilha Grande começam a comercializar seus caranguejos para abastecer o mercado de *Parnaíba, Luiz Correia e Coqueiro*. Segundo muitos catadores isso foi importantíssimo para valorização do preço do caranguejo. Assim fala Sr. Marcos sobre a comercialização:

Hoje agente vende para Parnaíba. Tira o caranguejo de manhã, a tarde sai para Parnaíba, ou eles vêm comprar no porto. Todo caranguejo tirado aqui ele comercializado em Parnaíba, Luiz Correia coqueiro. E melhor, valoriza. Na época das feiras o caranguejo vai lá pra cima. Esse ano o caranguejo atingiu o preço de 7 reais. Quando passar isso ele vai para R\$ 2,00 ou R\$ 2,50 reais. Não existe mais caranguejo de 1 real. Porque não tem mais possibilidade. O menor preço que comercializamos o caranguejo, em época ruim e de 2 a 3 reais. Então em período de feiras ele passa para 4 a 5 reais. Nesse anos ele foi a 6 e, acredite, a 7 reais. Tudo depende a demanda. E o mercado daqui que regula o preço do caranguejo.<sup>39</sup>

Em pesquisa realizada pela Codevasfi entre julho de 2008 e maio de 2009, evidenciaram que os catadores estavam sendo remunerados em R\$ 0,80 R\$ 1,00 por corda de caranguejo ( Codevasfi, 2012, p. 29). O que podemos concluir, passando mais ou menos 3 anos da época pesquisada, é que o catador vem melhorando de forma progressiva as suas condições de vida. Não sei se isso se deve a uma condição conjuntural que economicamente o Brasil vem passando, mais o que precisamente podemos constatar é que hoje o catador ultrapassa com seus ganhos um salário mínimo. Não se vende hoje, por hipótese nenhuma, corda de caranguejo por um preço inferior que R\$ 2,00 reais. Em períodos de férias, esse preço chega a R\$ 5,00, podendo chegar a R\$ 6,00 e R\$ 7,00 Reais.

Nos anos 2000, os Catadores de Caranguejo da *Ilha Grande* resolveram efetivamente se mobilizar em uma organização que pudesse defender e vislumbrar uma futuro

---

<sup>39</sup> Sr. Marcos Silva dos Santos, op. cit.

mais digno a classe e, ao mesmo tempo se fundamentavam em ideias empreendedoras que ultrapassavam o individualismo rumo a uma solidariedade e cooperação.

Todo sindicato, ou associação tem como objetivo definido defender, frente aos empregadores e ao Estado, os interesses dos trabalhadores de uma mesma profissão. Esse é objetivo fundamental de todas as organizações. Acredito que o sindicalismo pode ser um fator de mudança social e política de amplitude variada. Então foi com essa perspectiva que em 2003, surgiu em *Ilha Grande* um movimento de organização dos catadores. Esse movimento, segundo os catadores entrevistados, foi impulsionado pelo *SEBRAE*. Esse órgão percebendo o potencial comercial do caranguejo em *Ilha Grande* e, principalmente a relação desvantajosa que esse trabalhador exercia frente ao empregador (*atravessador*), resolveu dar um curso de liderança e organização sindical. O primeiro presidente da categoria comentou como foi a experiência;

(...) Vamos montar uma associação para que o dinheiro não voltasse. Resolvemos criar nossa própria associação. Foi criada como cooperativa em 2006. As reuniões lotavam de catador. Sei que conseguimos associar 43 pessoas. Esse, projeto começou a emperrar. E acabou prejudicando o trabalho e muito catador. Eu fui o primeiro presidente. Corria pro uma lado, corria por outro. Passei 4 anos. Nesse tempo ganhamos uma cede própria, 20 canoas e 2 lanchas. E 1 carro.<sup>40</sup>

O objetivo inicial da cooperativa era comprar dos associados o caranguejo. Depois, teria o processo de limpeza e estocagem, e ai, se levaria o caranguejo para ser comercializado em bares e restaurante do litoral do Piauí. Como toda organização, a cooperativa dos caranguejos começou a passar por períodos de altos e baixos, principalmente por que não conseguia ter capital de giro para gerenciar o empreendimento.

Em 2010, a cooperativa foi transformada em associação. Hoje conta com 49 sócios. E, é formada em sua maioria por homens, sendo estes 48 e uma mulher. Ata da Assembleia extraordinária de fundação nos diz mais ou menos como foi o processo de criação;

Realizada em 01 (primeiro) de fevereiro de 2010 (dois mil e dez), em sua sede na Avenida Martins Ribeiro, numero 92 (noventa e dois), cala 1, Ilha Grande município do Estado do Piauí, com início as 08:00 horas, foram abertos os trabalhos para a leitura do estatuto, eleição e posse da primeira Diretoria do Conselho Fiscal. Conforme Edital de convocação expedido e fixado nos princípios logradouros,

---

<sup>40</sup> Marcos Silva dos Santos, op. cit.

reuniram-se os catadores de caranguejo , com o proposito de constituírem a *Associação de Catadores de Caranguejo Delta-Uçá de Ilha grande- PI*, sob forma de sociedade Civil, sem fins lucrativos, seguidamente se procedeu a leitura e discussão do Estatuto Social, que foi aprovado e lido artigo por artigo...<sup>41</sup>

Assim diz o artigo C) *do Estatuto Social da Associação de Catadores de Caranguejo Delta-Uçá de Ilha grande*; c) Fortalecer a organização social, econômica e política dos catadores de caranguejo associado; realizar atividades econômicas desenvolvidas, de forma que ajudem no beneficiamento e comercialização dos caranguejo.<sup>42</sup>

O atual presidente reclama que associação não tem recursos. Os barcos da associação estão parados, assim como o carro. E os sócios inoperantes. Ele alega a falta de união e confiança nos integrantes da classe. “O catador não acredita no seu companheiro”, essas são as palavras vociferadas com um tom de revolta. A associação não tem dados precisos sobre o número de catadores da Ilha Grande, a faixa etária, as condições socioeconômicas. Assim diz o presidente Julinho:

O que tá acontecendo na associação é causa de um aspecto cultural. O catador não sabe trabalhar em grupo. O catador é muito descrente de si mesmo. Ele não acredita na organização. Eles querem chegar no Porto e vender seu caranguejo, seja por um preço alto ou baixo.<sup>43</sup>

Assim diz o vice-presidente Adilson;

Quando comecei a corda era R\$0,50, hoje já estar R\$ 3,00. Acredito que o mercado já melhorou e só tem a melhorar. A associação pode representar um papel importante. Só que é muito difícil tirar o catador da rotina, isso mexe com mudanças de mentalidade, por isso é difícil.<sup>44</sup>

Associação dos catadores de caranguejo da Ilha Grande – *ACCDUIG vem* passando por um período de inatividade devido à falta de organização desses trabalhadores, assim como um planejamento de trabalho. A direção alega que estar trabalhando praticamente sozinha e que não existe capital de giro para movimentar os empreendimentos da associação. Os bens, como transporte, barcos, e os imóveis se deterioraram. Não conseguem fazer o que

<sup>41</sup> Ata da Assembleia Geral Extraordinária da fundação da Associação.

<sup>42</sup> Estatuto da ACCDUIG-PI. Associação dos catadores de caranguejo Delta-Uçá de Ilha Grande. Fundada em 2010. Art.2, item C.

<sup>43</sup> Julinho Batista, op. cit.

<sup>44</sup> Adilson castro. Entrevista cedida ao autor no dia 08 de janeiro de 2012.

prega o estatuto que é ajudar os catadores a comercializar o caranguejo e, conseqüentemente muitos acabam se afastando da associação procurando apoio em outras associações principalmente, na *Colônia de Pescadores Z-7*.

O *Festival do Caranguejo*<sup>45</sup> é outro aspecto da cultura do caranguejo que surge junto com a organização desses catadores. O primeiro festival em 2004, tinha objetivo de mostrar a população a cultura do caranguejo (músicas, danças, teatro, culinária), como também complementar a renda do catador, principalmente em épocas sazonais, onde preço do caranguejo estava em baixa. O festival surgiu por parte dos catadores e para os catadores.

O *Festival do Caranguejo* conseguiu atingir um grande público, tornando-se uma festa que faz parte do calendário cultural da cidade de *Ilha Grande* atraindo turistas de todo Brasil. O festival do caranguejo conseguiu mobilizar empresas, o poder público, os catadores, gerando renda e contribuindo com a divulgação do trabalho do catador de caranguejo de *Ilha Grande*.

Atualmente, a o festival vem se transformando em mais um evento oficial da prefeitura. *Associação dos catadores de caranguejo- ACCDUIG*, perdeu o espaço e acabam ficando de fora da organização, sendo excluída do processo. O poder público contrata banda de forró para entreter o povo. A Festa perde sua identidade, visto que não mostra a cultura do caranguejo nem valoriza o trabalho do catador. Assim diz senhor Marcos;

Hoje a prefeitura toma conta da festa, e esquece do catador. Coloca banda grande e ai a festa perde essencial porque não existe a cultura do caranguejo. Desde dessa época estamos tendo uma briga com a própria comunidade. Porque ela tem que entender que a festa é caranguejo catador. Eles querem tomar. Ela não fez um festival. Ele fez uma festa. O objetivo e mostrar a cultura do caranguejo. e ai perde a essência. E acostuma mal a população que quer banda grande. Povo egoísta.<sup>46</sup>

Hoje, a principal luta da associação e se manter respirando e conseguir representatividade e respeito frente os sócios catadores. A luta do presidente atualmente se restringe em conseguir manter os bens que acumularam em condições de uso e mobilizar os catadores quando aparece benefícios do *Governo Federal*. Ele viaja muito pelo Brasil para debater sobre importância da *pesca artesanal*. Principalmente em épocas onde tudo vira

---

<sup>45</sup> Festival tradicional da cidade de Ilha Grande que acontece por 3 dias no mês de novembro. Essa festa atrai turistas de todo o Brasil devido as comidas típicas de caranguejo e suas apresentações culturais.

<sup>46</sup> Sr. Marcos Santos Silva, op. cit.

mercadoria. O governo através do ministério da pesca visa acabar com pesca artesanal. O argumento é que a pesca artesanal não traz contribuição nenhuma para economia e, principalmente para o pescador. A logica industrial prevalecendo. Assim diz o presidente senhor Julinho;

A gente ganha beneficio como pescador e, não como catador. O catador não recebe beneficio na época de brincadeira do caranguejo. O catador não têm seguro de Pesca. Na época não foi aprovado. Foi vetado. O três meses sem catar ganharia...Estão querendo acabar com a pesca artesanal, que segundo ele não traz lucro nem para o pescador nem para economia. Querem deixar apenas a pesca industrial. Se isso acontecer às pessoas vai perder direito, (aposentadoria), e vai acabar com todas as colônias, sindicatos. E ai, muita gente vai ter que se virar.<sup>47</sup>

Como o presente não pode fugir das sombras da historia este, incontestavelmente deve ser problematizado. Percebemos que a os Catadores de Caranguejo tem grandes desafios pela frente. A cata do caranguejo, por ser pesca artesanal, pode sofrer algumas retaliações por parte do governo. Os interesses dos grandes empresários da pesca acabam prevalecendo em detrimento do pescador que precisa usar os recursos naturais, para o sustento de sua família. A luta é árdua. Percebemos também que o fato de o catador não receber o seguro de pesca na época do defeso faz com que a organização seja enfraquecida, ocasionando a busca, por parte do catador, a outra associação, onde entende ser mais representativa e forte. A presidente Dilma recentemente vetou o projeto de lei que daria aos catadores de caranguejo o direito ao seguro desemprego. O argumento foi que isso ocasionaria uma insegurança jurídica a algumas categorias de pescadores artesanais.

---

<sup>47</sup> Sr. Julinho Batista, op. cit.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As histórias de vidas desses catadores de caranguejo são verdadeiras sagas que dariam para compor peças com um tremendo rigor das epopeias odisséicas. As memórias relatadas são repletas de dor, angústias, fatos trágicos, entrelaçados em uma alegria contagiante de uma gente humilde que esbanja simplicidade. Histórias de abandonos, renúncia, dor, infâncias roubadas em prol da necessidade por sobrevivência. Memória, trabalho e história estão amalgamados nesse trabalho.

O que podemos concluir a partir da análise das memórias compartilhadas é que a cata do caranguejo era uma atividade muito antiga e que faz parte das memórias histórico-educativas desses trabalhadores, sendo assimilada pela observação e transmitida de pai para filho. Como diz *Geertz* (1973), os homens constroem representações cognitivas, verdadeiros mapas mentais que orientam suas ações.<sup>48</sup>

Observamos que esse trabalho é privilegiado pela relação constante entre homens e natureza. O tempo do catador não era exclusivamente medido pelo barulho do carro do atravessador que chegava ao porto todas às 6 horas da tarde, nem pelos barcos que atracam nos mangues às 4 horas para pegar caranguejo. O tempo do catador era da natureza.

Percebemos o quanto o atravessador despolitizou e cooptou o catador que, de certa forma, ficou atado as suas motivações. O lucro e a extração de cada vez mais cordas de caranguejos acabou prevalecendo.

Entendemos que a grande contribuição do trabalho se dá na área da história ambiental, na medida, que o mesmo vem alertar sobre a destruição desenfreada do mangue. É notório o quanto o mangue foi devastado e destruído em questão de poucas décadas. O desrespeito ao ciclo natural da natureza é um grande problema ambiental em nossa região do Delta. E os catadores, como os velhos guardiões que sempre foram leais a natureza, agora a colocam em segundo plano em prol da ideia da produtividade imposta pelo atravessador. Acredito que um trabalho futuro pode detalhar melhor a verdadeira situação do ecossistema tão importante para o equilíbrio marinho.

---

<sup>48</sup> GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989. Pag, 45.

Percebemos também que muitas das pesquisas sobre a situação econômica dos catadores de caranguejo estão defasadas. A ideia difundida de que o catador é um pobre desgraçado que vende seu trabalho por miséria, não chegando a alcançar um salário mínimo, é um pouco radical. O que podemos concluir é que o catador consegue uma renda superior ao salário mínimo e, pode melhorar ainda mais suas condições, dependendo da forma como planeja e organiza seu trabalho.

O grande problema encontrado foi a desorganização política da classe que não atentou-se para o fato da importância de uma organização dos catadores para planejar trabalhos e articular debates em prol dos catadores. A falta de um plano de gestão, assim como a falta de um diagnóstico preciso sobre os números de catadores, suas condições econômicas, seus problemas e aspirações acabam emperrando qualquer iniciativa de trabalhos pontuais.

Os catadores devem ficar atentos quanto ao controle da extração predatória, a degradação dos manguezais, visto que são fatores decisivos para a sustentação da atividade extrativista na região do Delta do Parnaíba. Assim como a ordenação da cadeia produtiva do *caranguejo-uçá*, melhoramentos no processo comercialização, manuseios e transporte.

A pesca artesanal corre o risco de ser proibida pelas empresas e instituições ligadas a pesca industrial e órgãos do governo ligados a pesca. Avaliam esse trabalho como um desperdício de esforço, visto que não contribuem com a economia nacional e nem sustentam economicamente os próprios pescadores. A mobilização e o empenho da classe é imprescindível.

Militamos na ideia de que a cata do caranguejo seja um patrimônio cultural do Delta do Parnaíba.

O que podemos observar também, e que a entrada do comerciante (atravessador) e da lógica de mercado, do lucro, acabou de certa forma desmobilizando o potencial organizacional e político desses catadores de caranguejo ocasionando em uma situação de subserviência e dependência ao capital.

Muitos desses trabalhadores sentiam e sentem preconceito de seu próprio ofício, assim como a sociedade o rotulam como seres da lama, que rastejam que vivem como bichos, sendo estes o próprio caranguejo. Por isso acreditamos que esses trabalhadores vivem a margem. A margem não só da beira dos rios como também da academia. Acreditamos que

este trabalho seja o pontapé inicial para muitos outros estudos que envolvam pescadores, catadores, e principalmente essa relação mágica entre homem e natureza.



## FONTES ORAIS

*Abrão Cristiano Marques dos Santos*, 65 anos, catador de caranguejo e pescador, casado e tem 2 filhos e 4 netos. Hoje é aposentado não aguenta trabalhar de tanta dor no corpo. Entrevista concedida ao autor nos dias 26 de Julho de 2012 e 12 de dezembro de 2012.

*Marcos Antônio dos Santos Costa*, 45 anos, catador de caranguejo desde 14 anos de idade, casado e tem duas filhas. Entrevista concedida ao autor em 05 de janeiro de 2013.

*Antônio Júlio Marques Araújo*, conhecido como Sr. Julinho, 59 anos, catador de caranguejo e presidente da associação dos catadores de caranguejo Delta-Uçá de Ilha Grande, casado tem 11 filhos e 19 netos, nas horas vagas é poeta . Entrevista cedida ao autor em 14 de abril de 2012.

*Luiz Gonzaga Marques dos Santos*, 52 anos, catador de caranguejo, casado 2 filhas e 3 netos. Entrevista cedida ao autor em 22 de Julho de 2012.

*Manoel Pereira*, 67 anos, catador de caranguejo e agricultor. Entrevista cedida ao autor em 22 de Julho de 2012.

*Adilson Castro*, 26 anos, estudante de turismo, ex-catador, empresário. Entrevista cedida ao autor no dia 07 de janeiro de 2013.

*Antônio Paulo*, 69 anos, catador de caranguejo. Entrevista concedida a Daniel Souza Braga, 15 de Abril de 2012.

*Francisco Chagas Mendes dos Santos*, 28 anos, formado em economia, filho de catador de caranguejo, empresário. Entrevista concedida ao autor no dia 05 de janeiro de 2012.

*Raimundo Nonato Ferreira da Conceição*, conhecido por Sr. *Quajiru*, 70 anos, catador de caranguejo, dançador de bumba meu boi, casado 5 filhos e 10 netos. Entrevista concedida ao autor no dia 22 de Junho de 2012.

## FONTES CONSULTADAS

**Revista Veja**. Ano 45/ nº 17, 25 de Abril de 2011, pag. 92-93.

ADELADIA ARAUJO, FRANCISCO DAS CHAGAS, EDINALDO OLIVEIRA. **Relatório sobre o estudo da dinâmica econômica da pesca e aquicultura no território da planície litorânea- estado do Piauí**. Equipe elaboradora. S.D

**Lei da pesca**. Lei nº 11.959, de junho de 2009.

**ESTATUTO social da Associação de Catadores de Caranguejo Delta-Uçá de Ilha Grande – PI. 01/02/2010.**

**Ata de fundação da assembleia Geral extraordinária de fundação da associação de catadores de caranguejo Delta-Uçá de Ilha Grande- PI ACCDUIG. 01/01/2010.**

## **REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ASSAD, Luís Tadeu. *Industrialização do caranguejo-uçá do Delta do Parnaíba* – Brasília : Codevasf : IABS, 2012.

BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos*. 3ª e.d. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

\_\_\_\_\_. *Lembranças de Velhos*. São Paulo: EDUSP, 1987.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado. Historia Oral*. Rio de Janeiro: Paz de Terra, 1992.

CERTEAU, Michel. *Proj. Historia*, São Paulo, (25), dez. 2002

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão. 2º Ed. Campinas: UNICAMP, 1992.

THOMPSON, Edward. *Costumes em Comum: Estudos Sobre a Cultura Popular Tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *A formação da classe operária inglesa*, 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. *Folclore, Antropologia e historia social*. São Paulo: Unicamp, 2001, p. 254-255.

CASTRO, Josué de. *Homens e caranguejos*. -4ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ENGELS, Friedrich. *A situação da classe operaria na Inglaterra*. Tradução de Jose Paulo Neto. São Paulo: Boitempo, 2010.

VELHO, Gilberto. *Utopia urbana: um estudo de antropologia social*. Zahar, 6ª Ed, 2003.

LUSTOSA, Ana Helena Mendes. *Praticas produtivas e (in)sustentabilidade: os catadores de caranguejo do Delta do Parnaíba*. Teresina: UFPU, 2005.

MAVIGNIER, Diderot. *No piauí, na terra dos tremembés*. Parnaíba, 2005.

PROJETO HISTORIA. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Historia* e do Departamento de Historia da PUC-SP ( Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, SP-Brasil, 1981.

DIEGUES, Antônio Carlos. *O mito Moderno da Natureza intocada*. 3.<sup>a</sup> Ed. EDITORA HUCITEC; São Paulo, 2001.

NETO, Domingo Manuel. *O que os netos dos vaqueiros me contaram. O domínio oligárquico no vale do Parnaíba*. – São Paulo: Annablume, 2010.

BARROS, José de D'assunção. *Teoria da historia*. Vol.- III – Petrópolis, RJ: 2011.

PORTELLI, Alessandro. *Forma e significado da historia oral. A pesquisa como um experimento em igualdade*. Projeto História, PUC- São Paulo, 1981.

PORTELLI, Alessandro. *Filosofia dos fatos: narração, interpretação e significação nas memórias e nas fontes orais*. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, '1996. p. 59-72.

KURTEN, Fabiana: LIMA, Marinha de. *Os catadores de caranguejo* <<http://360graus.terra.com.br/ecoturismo/default.asp?did=5396&action=geral>> Data do Acesso 28/12/2011

FRANCISCO, Jefferson Alves. *O perfil socioeconômico dos catadores de caranguejo no Piauí*. Disponível em: < <http://www.embrapa.br/imprensa/artigos/2008> > Data do Acesso 28/12/2011

**Revista Historiar -Universidade Estadual Vale do Acaraú** – v.4. n. 4 (jan./jun. 2011).Sobral-CE: UVA, 2010. ISSN 2176-3267 [[www.uvanet.br/revistahistoriar](http://www.uvanet.br/revistahistoriar)]

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

LEFEBVRE, Henri. **Marxismo**; Tradução de William Lagos. Porto Alegre- RS: L&PM, 2009.